Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Reflexões sobre o papel do jornalismo comunitário na cotidianidade para constituição de pensamento crítico[1]

Reflections on the role of Community journalism in everyday life for the constitution of critical thinking

Cinthya Oliveira[2]

Resumo: Política e economia são as duas faces da mesma moeda. Nesse contexto, a comunicação comunitária tem sido alvo de avanços e retrocessos, não sendo diferente o cenário para o desenvolvimento do jornalismo comunitário. Novos tensionamentos com as tecnologias digitais revelam que os poderes político e econômico se acumulam na indústria midiática e cristalizam discursos hegemônicos. Assim, a comunicação se revela como campo de disputas políticas, econômicas e sociais. Neste artigo propomos lançar luz sobre o jornalismo comunitário a partir dos direcionamentos de Genro Filho (1987) com a intenção de verificar se essa prática jornalística pode contribuir com a construção crítica da sociedade, com a ampliação da participação social e, consequentemente, com o dispêndio de interesse dos indivíduos em relação às notícias.
Palavras-chave: Jornalismo; Iniciativas Comunitárias; Midiatização.

Abstract: Politics and economics are two sides of the same coin. In this context, community communication has been the target of advances and setbacks, and the scenario for the development of community journalism is no different. New tensions with digital technologies reveal that political and economic powers accumulate in the media industry and crystallize hegemonic discourses. Thus, a communication reveals itself as the field of disputes, politics, promotion and social. In this article we propose to shed light on community journalism from the directions of Genro Filho (1987) with the

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

intention of verifying whether this journalistic practice can contribute to the critical construction of society, with the expansion of social participation and, consequently, with the interest of the interested parties in relation to the news.

Keywords: Journalism; Community Initiatives; Mediatization

1. Introdução

A comunicação comunitária tem sido alvo de avanços e retrocessos, não sendo diferente o cenário para o desenvolvimento do jornalismo comunitário. Ausência de regulação da mídia e de políticas públicas voltadas para o fortalecimento de iniciativas alternativas e comunitárias[2] de comunicação são algumas das principais causas apontadas, tendo como referência uma perspectiva macro. No ambiente micro, as amálgamas se sobrepõem ao contexto de incertezas. Múltiplas camadas de interesses e disputas inviabilizam a instauração de um sólido processo de acesso ao conhecimento crítico da realidade.

Em essência, a comunicação se desvela como campo de disputas políticas, econômicas e sociais. E se a Teoria Estruturalista aplicada ao campo jornalístico alerta para os processos manipulatórios e para a recorrente reprodução da ideologia dominante (Traquina, 2004), também é pertinente reconhecermos as iniciativas pontuais que buscam de algum modo destoar do discurso homogêneo e apresentar outros pontos de vista a partir das construções noticiosas.

Mesmo diante da potencialidade do jornalismo informativo moderno (Genro Filho, 1987), é inegável que discursos e negociações adquirem maior complexidade

[2] Embora alguns autores apontem a distinção entre os termos "comunitário, popular e alternativo", nesse artigo consideraremos que essas iniciativas possuem em comum a disputa pelo estabelecimento de discursos e pela mobilização da sociedade de modo a destoar, em diferentes níveis e instâncias, da comunicação jornalística produzida pela "grande mídia", sob gestão de empresas privadas e monopólios econômicos de comunicação.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

com a reconfiguração do espaço e do tempo à medida que novas mídias e tecnologias são estabelecidas.

Assim, as "asperezas" da prática jornalística parecem ser exponencialmente evidenciadas, enquanto debates discorrem o possível distanciamento entre a construção crítica do conhecimento e os aspectos inerentes à produção de notícias.

Para Gramsci, a proximidade entre os intelectuais e o povo é uma proposta capaz de difundir conhecimento, reconfigurar o senso comum e forjar uma práxis que a partir do pensamento crítico viabilize a ação. O autor marxista, que também atuou como jornalista ao longo de sua carreira profissional, reforça que todos os homens são intelectuais, embora nem todos desempenhem a função de intelectuais (Gramsci, 2001, p.18). Crítico árduo do jornalismo e, também, apaixonado pelo potencial da profissão, Gramsci elaborou análises aprofundadas sobre o papel dos intelectuais para a mobilização política. Escritos há quase 90 anos, os estudos de Gramsci proporcionam contribuições para o campo, sobretudo para o jornalismo alternativo comunitário.

Cabe salientar que política e economia são duas faces da mesma moeda onde Estado, mercado e sociedade (Duarte, 2009) atuam como atores inseridos na construção do tecido social. E as práticas sociais rotineiras adquirem dimensões diferenciadas com a convergência e o uso de sites de redes sociais.

Nesse cenário de convergência midiática e suposta multiplicação de vozes, adquire maior importância o desenvolvimento de estudos sobre o jornalismo comunitário enquanto prática que proporcione identificação de caminhos a serem percorridos para a construção crítica da sociedade.

Isso porque, com a expansão da internet, novos tensionamentos com as tecnologias digitais revelam que o poder político e econômico se acumula na indústria midiática enquanto seguimos para mais uma década em que a Comunicação Pública Comunitária sofre restrições e dificuldades de continuidade como política pública no Brasil.

Se por um lado há a tradicional multiplicidade de canais de comunicação geridos pela iniciativa privada, por outro, nos últimos anos, é possível acompanhar a

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

proliferação de sites de redes sociais que supostamente projetam equilíbrio de vozes e "visões críticas" da realidade. De modo irônico, é como se, numa distorção dos pensamentos de Gramsci e sem compromisso com o pensamento crítico, todos os homens pudessem produzir notícias, distribuí-las e se autopromover como "cientista político".

Por outro lado, como as plataformas online de comunicação permanecem sob gestão de grupos internacionais e os mecanismos de visibilidade das mensagens publicadas são conduzidos por práticas de mercado, apostar no determinismo tecnológico para evidenciar o equilíbrio das relações é uma falácia.

Se a concentração de poder político e econômico permanece como elemento norteador das práticas comunicacionais, o desequilíbrio das relações se recrudesce. Logo, mesmo diante de todos os esforços estabelecidos, ainda são reduzidas as possibilidades de envolvimento da sociedade com iniciativas comunitárias (Peruzzo,2007). Mas, dada a própria prerrogativa de constituição do jornalismo comunitário, compreendemos que seja possível percorrer de modo potencial condições que se estabeleçam como pilares para a constituição do pensamento crítico da sociedade em relação às práticas comunicacionais.

Diante do breve contexto apresentado, neste artigo propomos lançar luz sobre o jornalismo comunitário a partir dos direcionamentos de Genro Filho (1987, p. 140) com a intenção de verificar se essa a prática jornalística comunitária pode contribuir com a construção crítica da sociedade, com a ampliação da participação social e, consequentemente, com o dispêndio de interesse dos indivíduos em relação às notícias.

2. Jornalismo comunitário e pensamento crítico

Em essência, o desenvolvimento do jornalismo comunitário possui como proposta apresentar olhar local da realidade e da vida cotidiana de um grupo. Ao se constituir a partir desse recorte geográfico local, naturalmente instâncias sociais, políticas e econômicas se reconfiguram como valor-notícia. Daí, a possibilidade de

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

distanciamento da voz hegemônica da mídia corporativa, do estabelecimento de novos enquadramentos e da publicização de questões até então não ditas.

Mesmo diante do cenário hegemônico, alternativas podem ser traçadas e apreendidas das estruturas sociais cotidianas, das mudanças espaço-temporais, da tecnicidade e dos modelos de comunicação que se estabelecem nos espaços comunitários.

A contribuição de Gramsci com relação à atuação dos intelectuais nos processos revolucionários tem sido referenciada por diferentes autores. Como mencionamos, os escritos de Gramsci apontam os intelectuais como elemento central e estratégico para fortalecimento político e desenvolvimento de hegemonia. (Biachi, 2008).

Para tanto, o escritor marxista indica a necessidade de aproximação entre intelectuais e o povo com o objetivo de promover a disseminação de ideias. Logo, os intelectuais seriam os responsáveis por conduzir o povo para outro patamar de reflexão e concepção da vida, possibilitando o distanciamento do senso comum ou a sua ressignificação.

Essa concepção é pertinente, sobretudo se partirmos do entendimento de Tuchman a respeito do procedimento estratégico utilizado para cristalizar a noção de objetividade e sua relação com a identificação dos fatos. Conforme expõe a autora, “os jornalistas não publicarão como ´fato´ afirmações que contradigam o senso comum” (Tuchman, 2016, p. 128). Por sua vez, a percepção do que é fato ou não depende do repertório histórico, social e político ao qual o jornalista esteve em maior ou menor instância imerso. Por conseguinte, a atuação do jornalista em um veículo comunitário pode, e deve, promover sua maior proximidade com a comunidade e as questões que permeiam esse contexto. Assim, de certo modo, possibilitar novas nuances e percepções sobre os fatos:

> Como Schultz (1962, p. 175) exprimiu de forma pertinente: ‘Basta salientar que todo o conhecimento dado por adquirido tem uma estrutura altamente socializada, quer dizer, que é suposta ser dado por adquirido, não só por mim, mas por nós, por toda a gente (significando ´toda a gente´ aqueles em que nos integramos)’. Seria interessante explorar mais profundamente os tipos de informações que

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

> os jornalistas consideram `fatos´, afirmações cuja exatidão podem ser dadas como adquiridas. Sugeri em outro trabalho (1969) que as noções que o jornalista toma por adquiridas são de fato, um quadro da sua visão da realidade social e política (TUCHMAN, 2016, p. 128).

Certamente o apelo gramsciano referente ao envolvimento dos intelectuais com o "povo" possui nuances sobre as quais não temos espaço hábil para discorrer. Do mesmo modo, não será nosso objetivo conceituar a expressão "povo". Porém, ainda assim, é pertinente considerar a percepção de Genro Filho (1987) sobre pensamentos rasteiros e polarizados referentes à participação do povo. "Devolver a palavra ao povo" seria uma expressão carregada de reducionismo tecnológico que enfatiza o imperialismo e a dominação ideológica:

> A ingenuidade dessas propostas, que desprezam as mediações especificamente jornalísticas e propõem a panaceia de "devolver a palavra ao povo", denuncia a inconsistência teórica das premissas. É certo que a ideologia burguesa está embutida na justificação teórica e ética das regras e técnicas jornalísticas adotadas usualmente. Mas isso não autoriza, como muitos parecem imaginar, que se possa concluir que as técnicas jornalísticas são meros epifenômenos da dominação ideológica. Essa conclusão não é legítima nem do ponto de vista lógico nem histórico. (GENRO FILHO, 1987, p. 11).

Sobre a proximidade com o "povo", em síntese, o pensamento político gramsciano direciona aos intelectuais o papel definidor de "pensador coletivo" para mobilizar as massas e proporcionar conscientização da totalidade concreta dos fatos, com ênfase para as disputas de classes:

> A questão dos intelectuais não era, pois, para Gramsci, sociológica e sim política (Sassoon, 1987, p. 255). A temática dos intelectuais esboçada no Quaderno 11 e desenvolvida no Quaderno 12 é, para Kanoussi e Mena, 'idêntica à do partido enquanto forma organizativa da massa e 'pensador coletivo' que suscita uma reforma intelectual e moral e a conforma a uma vontade coletiva nacional-popular' (1985, p. 69) (BIANCHI, 2008, p.74).

Apesar de todas as ressalvas, o entendimento da relevância do jornalismo opinativo também é compartilhado por Genro Filho:

> É preciso asseverar, no entanto, que o exposto não exclui o fato de que jornais analíticos e polêmicos ou abertamente ideológicos possam cumprir papéis relevantes na luta política e sejam, até, indispensáveis nesse sentido. A tese de Lênin sobre a necessidade do jornal partidário enquanto "organizador coletivo", com funções de análise crítica, luta

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

> ideológica, propaganda e agitação é, ainda presentemente, insuperada em seus fundamentos. (1987, p. 24).

Desta forma, Genro Filho contrapõe a simplicidade de reflexões que indicam a recuperação de poder e a reivindicação de lugar central para o "povo" nos processos comunicacionais. Em paralelo, o autor desenvolve pensamento voltado para a mobilização social a partir a importância da atuação do jornalista enquanto intelectual essencial para a construção desse processo.

Com esse entendimento, podemos conjecturar que a partir da cotidianidade, a práxis jornalística pode contribuir com avanços de centelhas de pensamento crítico junto aos indivíduos. Portanto, proporcionar a construção crítica da sociedade. É a respeito desse aspecto que compreendemos a importância do jornalismo comunitário e seu potencial de proporcionar aos, para e pelos indivíduos reflexões a partir da vida cotidiana local. Cabe destacar que:

> Não se trata, porém, de lançar luzes sobre as trevas, ou ciência sobre a ignorância, ao modo iluminista clássico ou do positivismo, mas, mediante o diálogo, estimular no senso comum a atualização e sistematização do pensamento crítico que nele existe, em estado de latência" (SCHNEIDER, 2019, p. 78).

Diante dos desafios vivenciados pelo campo jornalístico, propostas comunicacionais que, de algum modo, se descolam dos discursos dominantes, podem proporcionar "margens de movimento" (Heller, 2000) e compreensão dos fatos pela perspectiva da totalidade social. Logo, reflexões, reinterpretações e novos entendimentos podem ser considerados fatores essenciais para momentos prévios de níveis de participação social (Carpentier, 2016) e conversações. Fatores que colaboram para aumento do interesse dos indivíduos em relação às notícias e a constituição de pensamento crítico. Sob este aspecto, o potencial do jornalismo comunitário deve ser investigado.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

3. Atuação do jornalismo comunitário diante da esfera pública midiatizada

A partir da mudança estrutural da esfera pública, com a difusão da imprensa comercial e, principalmente, com o desenvolvimento das mídias tradicionais rádio e televisão, a produção mediada de sentidos se estabeleceu no âmbito familiar. A lógica econômica não somente acompanhou como catapultou esse movimento, dada a ênfase das mensagens publicitárias e o esforço em atrair atenção do público.

As contribuições de Habermas (2003) sobre a esfera pública burguesa e sua mudança são relevantes para a reflexão sobre as relações sociais diante da evolução histórica da mídia. Contudo, necessitam ser adaptadas para o atual momento com aceleração tecnológica e globalização. Deste modo, ainda que a interação não ocorra presencialmente, mas mediada por dispositivos que possibilitem o retorno imediato e sem filtros ou restrições no envio das mensagens, entendemos que as tecnologias digitais viabilizam a constituição de um processo relacional diferenciado. Isso porque, no contexto da midiatização:

> Muda, por exemplo, a natureza do espaço público, tradicionalmente animado pela política e pela imprensa escrita. Agora, formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou telerreal da hipermídia) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais (SODRÉ, 2002, p. 19).

Com o movimento de conformar a esfera pública, nasce também cultura de massa com a dissolução da esfera privada (Barbero, 1997, p 168). Mas, com o advento da internet, e diante do paradigma imposto pelo tecnologias digitais, observa-se uma forma diferenciada de estabelecer vínculos com o coletivo, a partir de "redes comunitárias midiatizadas".

Assim, os fluxos de produção de sentidos se multiplicam. Da alfândega para o comércio de rua, e deste para os lares. Produtos, sentidos e afetos expandem e transcendem limites até então invioláveis. No exercício de ampliar a compreensão da mudança estrutural da esfera pública (Habermas, 2003), presenciamos a reconfiguração da esfera privada e o estabelecimento de novos espaços cotidianos de convivência midiatizada.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Ponderamos que a configuração do espaço público não necessariamente depende das tecnologias e das mídias, embora estas possam ser mediadoras que potencializam o alcance das mensagens. É neste aspecto que nos atemos a compreender em que medida o novo paradigma de mudança na esfera pública proporcionado pela midiatização pode ter reacomodado forças dissonantes nas relações socioculturais estabelecidas no contexto midiático brasileiro.

Embora Barbero tenho revisado seus primeiros estudos, superando o modelo das mediações comunicativas da cultura, as conjecturações dos meios às mediações socioculturais são pertinentes para compreendermos a inserção do Voz das Comunidades:

> Não estamos subsumindo as peculiaridades, as modalidades de comunicação que os meios inauguram, no fatalismo da "lógica mercantil" ou produzindo seu esvaziamento no magma da "ideologia dominante". Estamos afirmando que as modalidades de comunicação que neles e com eles aparecem só foram possíveis na medida em que a **tecnologia materializou mudanças que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e novos usos**. Estamos situando os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a desempenhar um papel importante a partir de um certo momento - os anos vinte (BARBERO, 1997, p. 191, grifo nosso).

Desse modo, embora não centre sua abordagem na lógica produtiva da economia e da tecnologia estruturante dos meios, Barbero (1997) não a despreza enquanto mediação proporcionadora de novas relações socioculturais. Tal perspectiva evidencia a preponderância da economia também na constituição do arcabouço de projetos comunitários de comunicação, os quais, diante da ausência de políticas públicas de fomento e de regulamentação, ficam sujeitos ao encadeamento de ações junto às iniciativas privadas e/ou às tratativas isoladas junto ao poder público para financiamento de suas atividades.

Ademais, ainda que se procure exaltar suposta independência dos veículos comunitários, essa realidade não parece plausível, sobretudo no contexto de midiatização em que as plataformas de redes sociais são utilizadas para estabelecer

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

vínculos com as audiências e amplificar as publicações. Esse é caso do veículo Voz das Comunidades, o qual surgiu como jornal impresso para estabelecer vínculo com a comunidade local, mas, a partir do deslocamento de comunicação para plataformas de redes sociais, adquiriu abrangência e passou a se relacionar com redes comunitárias sociodigitais.

Por meio de processos midiáticos, a esfera do interesse social se constitui enquanto ágora do capitalismo do século XXI. Esse percurso viabiliza profundas transformações no tecido sociocultural e oportunidades até então não imaginadas pelas empresas de mídia. O direcionamento da atenção do público é uma das bases da economia dos meios e dos modelos de negócios de comunicação, o que se torna ainda mais latente com a midiatização.

4. Jornalismo comunitário: entre a cotidianidade e a desalienação

Ainda que a produção noticiosa dessas iniciativas nem sempre esteja totalmente integrada aos ideais de prestação de serviço público comunitário, em virtude das dificuldades técnicas, políticas, financeiras e operacionais inerentes ao exercício do jornalismo nesses locais e da ausência de políticas públicas de fomento, é pertinente considerar tais produções jornalísticas como oportunidade de contraponto às abordagens da mídia corporativa.

Assim, a partir de aspectos locais e por meio de perspectiva diferenciada, o jornalismo comunitário pode desenvolver análise crítica e evidenciar questões que contribuem para a superação de entraves fortalecidos por discursos hegemônicos. Desta forma, visões estabelecidas como senso comum e que permeiam os critérios de noticiabilidade da mídia corporativa em detrimento das circunstâncias sociopolítico, cultural e econômica da comunidade local, podem ser rejeitadas ou ressignificadas. Sobre este tema, Moraes aponta:

> Gramsci realça a importância de recusarmos proposições ocasionais e desarticuladoras, que querem nos incluir em ‘multiplicidades de homens-massa’, tentando afastar os ‘homens-coletivos’ da consciência

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

> fundamental contra o conformismo, a apatia e a alienação (MORAES, 2009, p. 19).

Tal como Genro Filho (1987), acreditamos no potencial desalienante do jornalismo à medida que a práxis esteja imbuída de norteadores voltados para a construção crítica da sociedade, para o estímulo da reflexão e para maior inserção dos indivíduos nos processos de construção social do conhecimento.

Nesse caso, é justamente no cotidiano que podemos encontrar o celeiro propício para o desenvolvimento e fortalecimento de jornalismo comunitário que contribua para a formação crítica da sociedade. O cotidiano não somente contempla o homem comum, mas o envolve e o atrai para, de modo natural, estar atento às questões da vida. A vida cotidiana tem a supremacia da proximidade. E, por questões de sobrevivência e de percepção, a proximidade relativa aos fatos tende a gerar maior envolvimento emocional e político dos indivíduos.

Independentemente do tipo de atividade profissional exercida, "a vida cotidiana é a vida de todo homem" (Heller, 2000, p.17). Logo, é na cotidianidade (ou a partir dela) que a atuação jornalística pode proporcionar o envolvimento da comunidade e gerar seu interesse para refletir sobre os impactos socio, econômico, político e cultural dos acontecimentos, tendo como referência a totalidade social.

Há, portanto, vínculo proporcionado pela vida cotidiana que une todos os homens. Ainda que o indivíduo desenvolva ao máximo seu potencial intelectual e crítico, Heller aponta que o exercício da atividade "humano-genérica" não pode o desprender da cotidianidade, assim como o indivíduo, por mais imerso que esteja nos afazeres anfêmeros, também não rompe plenamente com a reflexão.

O exercício do jornalismo não está inserido e constituído a partir do cotidiano? Certamente, desde seus procedimentos de seleção, apuração e produção, até às relações profissionais entre os jornalistas e, também, com o empregador. Ou seja, há uma contínua dinâmica que vai além dos rastros de cotidianidade nos quais estão imersos os fatos. A vida cotidiana proporciona teia de relações sociais e de interesses. Por sua vez, as relações e os interesses se acomodam conforme a estrutura econômica, política,

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

cultural e social. Desse modo, "a vida cotidiana não está 'fora' da história, mas no 'centro' do acontecer histórico: é a verdadeira 'essência' da substância social" (Heller, 2000, p.20).

A partir do cotidiano, portanto, reflexões críticas podem ser proporcionadas. Fio condutor para a constituição de mudanças sociais mais profundas. Porém, é necessário o reconhecimento de mecanismos comunicacionais que propulsionem ponte narrativa entre os acontecimentos cotidianos e sua totalidade concreta. Como catalizador desse movimento, demonstra potencial o estabelecimento de jornalismo alternativo comunitário voltado para a construção crítica.

Enquanto fonte de expressão de suas relações sociais, o indivíduo em diálogo com a(s) comunidade(s) pode encontrar no jornalismo a configuração de estrutura comunicacional que a partir do cotidiano rompa com a alienação. Embora no cotidiano se configure a alienação, há também "margens de movimento" (Heller, 2000) que possibilitam o rompimento com o estado de inércia:

> *Não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, economicismo, andologia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação.* Mas as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se *cristalizar em absolutos*, mas tem de deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidade de explicitação. [...] Se essas formas se absolutizam, deixando de possibilitar uma margem de movimento, encontramo-nos diante da alienação da vida cotidiana (HELLER, 2000, p.37, grifo da autora).

A alienação direcionada a algo, assim como o desconhecimento ou o desinteresse das relações estabelecidas impactam no desenvolvimento da humanidade. Porém, se a "vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação" (Heller, 2000, p.37), por outro, "embora constitua indubitavelmente um terreno propício à alienação, *não é de nenhum modo necessariamente alienada"* (Heller, 2000, p.38) uma vez movimentos podem ocorrer nas atividades de pensar e agir.

Movimentos que podem ser encadeados pela mídia, enquanto ordenadora social, mas que precisam estar concatenados com a perspectiva crítica da sociedade e com a percepção do estabelecimento de campos de disputas por meio dos discursos. Aqui

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

esclarecemos o motivo pelo qual há dificuldades de direcionar como elemento central para essa construção social o jornalismo hegemônico desenvolvido por grupo privados que monopolizam a comunicação.

Sob essa perspectiva, os interesses do jornalismo da mídia corporativa não coadunam com a possibilidade de constituir campo crítico de reflexão a partir da cotidianidade do comunitário. Cabe também destacar que, movido por interesses que muitas vezes se distanciam da comunidade, até mesmo o jornalismo que carrega a "etiqueta" de comunitário precisa superar amarras que o fazem tropeçar e se distanciar do bem comum.

Como afirma Peruzzo, veículos que se definem como "comunitários" sem alinhamento com esses ideais específicos do coletivo, "ao invés de contribuírem para o desenvolvimento de comunidades, acabam por reproduzir mecanismos de dependência e alienação" (Peruzzo, 2006, p. 20).

Além dos enquadramentos, da hierarquia de prioridades e dos critérios de noticiabilidade, a complexidade das disputas aprofunda a ranhura entre o fazer jornalismo e a cobertura noticiosa da comunidade. Para os conglomerados de comunicação, o espaço midiático dedicado ao comunitário envolve, dentre outros fatores, estratégia de mercado (audiência, concorrência, cobertura geográfica do local) e cobertura noticiosa popular que utiliza o recurso sensacionalista.

Por outro lado, o desenvolvimento do jornalismo comunitário também enfrenta múltiplas camadas de interesses entre os envolvidos, além de dificuldades técnicas e operacionais que o mantenha alinhado à produção social de conhecimento voltada para a reflexão crítica. Porém, o reduzido número de iniciativas consistentes com essa missão e contínuas em sua proposta, não deve mitigar a sua importância ou anular a necessidade de estudos como esse.

O jornalismo comunitário com viés crítico poderá funcionar metaforicamente como "ponte" para os movimentos e para a "suspensão do cotidiano" em que será essencial o envolvimento a partir da reflexão crítica da comunidade. Trata-se, portanto, em não creditar à comunidade a capacidade de "libertação" ou "instauração da

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

autonomia", mas de considerar caminhos para a constituição de um jornalismo em que o envolvimento dos indivíduos e a reflexão crítica sejam elementos promotores da mudança social:

> Quando as chamadas tendências "pós-marxistas" do pensamento contemporâneo caem na tentação de fazer a apologia das "pequenas comunidades" como único meio dos indivíduos reencontrarem sua "autonomia", essas correntes estão supondo que a liberdade individual em atribuir significação aos fenômenos, que emana da participação imediata na singularidade do mundo vivido, não pode encontrar sucedâneo. A ideia básica é que o indivíduo não pode ser sujeito efetivo e integral através das mediações criadas pelo aparato técnico-científico a que dão o nome, em alguns casos, de "heteronomia" em oposição à "autonomia", que seria realizável através da vivência imediata (GENRO FILHO, 1987, p. 34).

Tal como defende Genro Filho (1987), enquanto estrutura da comunicação, o jornalismo possui benefícios e elementos constituintes que podem ser devidamente aplicados para combater agruras identificadas pela sociedade. O autor faz referência à Marx para indicar que, dado o problema, os percursos para equacioná-lo já existe e o jornalismo possui esse potencial:

> Tais concepções esbarram, em primeiro lugar, nas evidências de um mundo humano já universalmente constituído, cujo complexo de mediações não parece passível de regressão. Em segundo lugar, como indicou Marx, a humanidade só se coloca problemas quando, potencialmente, já existem as condições para equacioná-los. A imprensa, e mais intensamente os meios eletrônicos de comunicação de massa, representam os termos dessa equação. O jornalismo, como estrutura específica de comunicação que daí se origina, inserida no processo global do conhecimento, é a modalidade por excelência que, no dizer de Violette Morin, encerra virtudes cuja intensidade poderá um dia rivalizar com a já conhecida dimensão de seus "vícios" (GENRO FILHO, 1987, p. 34).

Para além de função instrumental ou funcionalista, o jornalismo comunitário possui prerrogativas para intensificar as virtudes do fazer jornalismo e pulsar no, para e pelo comunitário o pensamento crítico social. Em outras palavras, o exercício de jornalismo desalienante com estímulo à "suspensão do cotidiano".

Se a dinâmica das lutas sociais se caracteriza pela relativização de posições refletidas no cenário histórico-social, o jornalismo comunitário pode se estabelecer

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

como mecanismo transformador frente à midiatização imposta pelos conglomerados de comunicação. Portanto, não anula outras formas comunicacionais, mas, soma forças para apresentação de propostas novas e diferenciadas.

O jornalismo comunitário é recorrentemente associado ao jornalismo de classe ou sindical, enquanto utiliza amplamente a narrativa opinativa para conduzir discursos em prol de objetivos político-ideológicos. No entanto, Genro Filho indica a necessidade de constituir jornalismo informativo não necessariamente ou somente imerso a partir de pressupostos ideológicos.

O autor procura acomodar os ideais marxistas e os desafios da profissão a partir de proposta transformadora em que o jornalismo informativo moderno, "não seja meramente propagandístico ou formalmente opinativo" (Genro Filho, 1987, p. 93). Afasta, portanto, a percepção romantizada a respeito do ideal do jornalismo opinativo enquanto relativiza a visão apocalíptica da síndrome da manipulação a qual o jornalismo informativo moderno tem sido vinculado.

Defende, assim, a potencialidade transformadora de um jornalismo que possibilite identificar os sujeitos sociais e políticos envolvidos na produção noticiosa, assim como a busca pela apreensão da totalidade social. Nesse caso, podemos inferir que o jornalismo comunitário possui requisitos para, por meio da cotidianidade e da proximidade com a comunidade, estimular a "suspensão do cotidiano" (Heller, 2000) e proporcionar a compreensão das relações histórico-sociais constituídas, por meio do conhecimento crítico.

Como ponto de partida, tanto o veículo comunitário quanto os demais veículos da mídia corporativa devem ser devidamente situados no contexto histórico-social e no campo de disputas ideológicas. Como elemento norteador para a eficácia dessa ação, Genro Filho (1987, p.140) aponta quatro aspectos a serem considerados.

O primeiro diz respeito à identificação dos níveis de participação das disputas de classes e os respectivos interesses envolvidos, assim como origem dos discursos e das abordagens narrativas. O segundo aspecto está relacionado à diversidade de abordagens e respectivo confronto de informações para revelar os "sujeitos políticos e sociais que

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

estão por trás da suposta imparcialidade" (Genro Filho, 1987, p.140). Já o terceiro fator indica a possibilidade do público compreender as relações estabelecidas entre o posicionamento dos veículos, os fatos apresentados e as explicitações editoriais. Por fim, a quarta vertente envolve a constituição de percepção crítica a respeito da dimensão histórico-social dos fatos que rompe com o mito da objetividade e imparcialidade jornalística.

A exposição acima indica os prismas de Genro Filho para revelar o sujeito coletivo responsável pelos discursos jornalísticos estabelecidos e evidenciar o potencial transformador do jornalismo. Propõe, assim, que sejam revelas as referências sociais e políticas dos discursos jornalísticos constituídos, possibilitando ao público a compreensão mais nítida sobre as intenções e os interesses das vozes que se apresentam.

A partir da acuidade necessária para percorrer os aspectos que revelam o sujeito coletivo, Genro Filho adianta que o processo demanda "participação consciente e deliberada dos setores mais atuantes e politizados" (Genro Filho, 1987, p.140). Essa observação denota que esse olhar crítico parece pouco factível para que o homem comum, imerso na cotidianidade, desenvolva por si só. Ainda que dotado de intelectualidade, o público em geral, assim como um grupo comunitário, não está apto para desenvolver de modo orgânico a percepção crítica a respeito do discurso jornalístico. A ideologia hegemônica, o conhecimento adquirido e o discurso dominante estão entranhados na cotidianidade. Para reconsiderar o senso comum, é preciso desafiar o pensamento adquirido e se expor ao pensamento crítico. Contínuo exercício de relações a partir da totalidade social.

Daí, o papel do jornalismo comunitário enquanto frente de fomento ao diálogo e à proximidade entre jornalistas e o povo. Ou seja, "o contato que estimula entre os intelectuais e o povo teria, por essa razão, o objetivo de forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa, e não apenas de pequenos grupos intelectuais'" (Bianchi, 2008, p.73). Desta forma, o pensamento gramsciano aguça a atuação de grupos de intelectuais para a formação de massas

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

intelectualizadas hábeis para refletir, dialogar e, consequentemente, estabelecer diferentes níveis de participação frente aos discursos jornalísticos.

5. Considerações Finais

Iniciamos a exposição indicando que o desenvolvimento do jornalismo comunitário possui desafios ainda mais complexos que o campo jornalístico em geral. Por outro lado, os entraves a serem superados revelam-se justamente como potencial transformador a ser alcançado para incentivar a mudança social por meio do pensamento crítico da realidade, uma proposição que pode ser trabalhada a partir da compreensão das diferenças sociais de cada comunidade em favor da diversidade cultural, histórica e social.

Relembramos que todos os homens são intelectuais (Gramsci, 2001) e que, embora imbuídos da capacidade de "suspensão do cotidiano" (Heller, 2000), nem todos a realizam continuamente e percebem que os fatos devem ser compreendidos a partir da perspectiva da totalidade social.

Nesse sentido, os jornalistas possuem atuação essencial para estimular o desenvolvimento do pensamento crítico junto ao público e assim dialogar com as comunidades, de modo a corroborar com a mudança social. A busca pela melhor compreensão dos fatos e pela reflexão sobre o senso comum se configuram como instrumento catalizador da transformação social e do estabelecimento de níveis de participação, ou contestação, em relação às práticas comunicacionais alternativas e hegemônicas.

Por outro lado, diante da cristalização de discursos hegemônicos, o exercício do jornalismo financiado pela mídia corporativa demonstra menor oportunidade de brechas para impulsionar as margens de movimento entre o senso comum e o pensamento crítico. Em contrapartida, se a partir da cotidianidade há chances de gerar reflexões críticas, é necessário o reconhecimento de mecanismos comunicacionais que propulsionem ponte narrativa entre os acontecimentos cotidianos e sua totalidade

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

concreta. Contexto em que pode florescer o jornalismo comunitário voltado para a construção crítica do pensamento.

Aliado a isso, a partir do potencial transformador do jornalismo (Genro Filho, 1987) e dos aspectos que revelam o sujeito coletivo envolvido nas produções jornalísticas, há caminhos a serem trilhados enquanto prática que contribua para o desenvolvimento de pensamento crítico junto aos indivíduos.

A proposta deste artigo não pretende esgotar o assunto, mas realizar reflexões iniciais sobre a *práxis* jornalística e sua relação com a cotidianidade para o desenvolvimento de pensamento crítico por meio do jornalismo comunitário. Nesse sentido, cabe exploração intensiva e análise aprofundada sobre as experiências cotidianas e os níveis de participação possibilitados pelo jornalismo comunitário, a partir de mediações e mecanismos que colaborem com a consciência crítica do público.

Mesmo diante do reduzido número de iniciativas comunitárias com atuação constante e que visem o fortalecimento do pensamento crítico, não devemos mitigar a importância do jornalismo comunitário. Também não é a intenção desta reflexão promover olhar romântico ou utópico. Muito menos retomar potencial perspectiva intelectualizada do saber e do pensamento crítico como imposição de uma "elite" sobre as classes.

No cenário de convergência midiática e suposta multiplicação de vozes, o jornalismo comunitário pode se posicionar como instrumento de transformação social ao proporcionar, a partir da cotidianidade, diálogo, reflexão sobre o senso comum e sistematização do pensamento crítico. Um longo e grande percurso a percorrer, mas que pode ser significativo inclusive para o campo jornalístico em geral.

Referências

BIANCHI, Alvaro. **O laboratório de Gramsci**: Filosofia, História e Política. Campinas: Alameda Editorial, 2008 (pp. 73-83).

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

CARPENTIER, Nico. **Beyond the Ladder of Participation**. An Analytical Toolkit for the Critical Analysis of Participatory Media Processes. Javnost: The Public, Vol. 23, No. 1, 70–88, 2016.

DUARTE, Jorge. Instrumentos de comunicação pública. *In*: DUARTE, Jorge (Org.). **Comunicação Pública.** Estado, mercado, sociedade e interesse público. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 59-71.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Capítulo 1 - Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais (pp. 13-31).

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MORAES, Dênis. **A batalha da mídia.** Governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. Pão e Rosas, 2009.

MORAES, Dênis. **Crítica da mídia & hegemonia cultural**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016. Capítulo Gramsci, o jornalismo e a imprensa (pp. 61-76 e 91-107).

PERUZZO, Cicília. **TV Comunitária:** dimensão pública e participação cidadã na mídia local. Rio de Janeiro: Mauad-x, 2007.

SCHNEIDER, Marco. CCI/7: Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, Arthur Coelho... [et al.]. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

TRAQUINA, Nélson. As teorias do jornalismo. In: ___. **Teorias do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2004. p. 168-204.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Florianópolis: Editora Insular, 2016, p. 111-131.